

CATOLICISMO

SÉCULO XIX

Mudanças profundas na sociedade, nas artes, nos conceitos científicos, na produção de bens de consumo, caracterizam o século dezanove. Dirigindo a nova orientação do período, havia a Revolução Francesa, do final do século anterior, última consequência das mudanças processadas pelo Iluminismo. Havia a violenta substituição do Absolutismo pelo "terceiro estado da burguesia", sufocada no terror sanguinário da Ditadura Jacobina. Essa ditadura só será subjugada por Napoleão e suas guerras Imperialistas, que por sua vez, fizeram sufocar o anseio doentio por um nacionalismo exacerbado.

É o século dos grandes prospectos e das máquinas. O século do materialismo e do material. O século da declaração da morte de Deus. O século do drama. O século do cidadão, de sua arrogância. O século do artista e de seu atrevimento. O século da questão social... Mas é também o tempo de um mundo pintado pelos impressionistas, frágil e passadiço. Um mundo de anseio à morte prematura, um século de tolhedora tristeza e de branda melancolia. Da esperança perdida, de ideais abandonados. É o século do medo, da morte, e do medo da morte que afora devia ser enfrentada sem Deus.

Na religião o século XIX encontrou o papado em grande humilhação. Em 1801 Napoleão, Imperador da França realizou com o Papa Pio VII a concordata, tratado que definia as relações da Igreja Católica Romana na França com o Governo. Por esse tratado "a igreja ficava sujeita ao Estado", ou pelo menos a ele atrelada e dele dependente e auxiliada. Após a queda de Napoleão, Pio VII voltou a Roma e os Estados papais foram restabelecidos.

A Igreja Católica Romana, depois de sofrer certa pressão no século XVIII e começos do XIX, resistiu às influências modernizantes e continuou desenvolvendo todos os seus elementos medievais enfrentaram poderosamente todos os surtos do processo humano.

A hostilidade do papado ao progresso do mundo moderno manifestou-se de vários modos, desde o início do século XIX e encontrou sua máxima expressão no SILABUS, de Pio IX, publicado em 1864. Nesse documento foram denunciados como "erros", vários elementos, tais como a liberdade de consciência e de culto; o primeiro instante da Teologia Moderna como se sabe é a Reforma que se constituiu no oferecer de uma nova era teológica.

O segundo instante da Teologia se evidencia na Teologia Liberal, que adentra a Teologia Contemporânea. A Teologia Contemporânea nasce sob as hostilidades de teólogos liberais e neo-ortodoxos. Muitos indicam Friedrich Schleiermacher (1768-1834) como o pai da Teologia Moderna. Schleiermacher formulou uma teologia à luz do Romantismo. Quando o Romantismo passou de moda, a teologia de Schleiermacher passou também. Mesmo assim, ele deixou uma marca que dura até hoje.

Entre 1800 e 1821, Schleiermacher continuou sua atividade como pregador e professor de teologia sistemática. Durante essas duas décadas, Schleiermacher formulou sua obra-prima de teologia sistemática. Ele aproveitou as idéias principais do Iluminismo e do Romantismo e s incorporou em um sistema teológico. Para Schleiermacher, como para os

demais românticos, cada indivíduo deve desenvolver-se como uma pessoa, distinta de qualquer outra. A vida humana envolve uma tensão entre a dependência e a independência. Cada um precisa afirmar sua individualidade. Além dessa auto-afirmação, porém, cada um de nós também vive num estado de dependência, e essa dependência é a base de nossa vida religiosa. Sentimo-nos dependentes não somente de outras pessoas, mas também do Infinito, do Tudo, do Universo – enfim, de Deus.

Schleiermacher começou por reduzir a fé às proporções dos sentimentos religiosos de cada pessoa. Ele não pretendia falar de Deus em si. Em lugar disso, ele se limitou a falar da "modificação do sentimento, ou da autoconsciência imediata". Ele valorizou os "sentimentos piedosos", que ele apreciava desde sua formação pietista, dizendo que os sentimentos piedosos equivaliam ao senso de consciência absoluta de Deus.

Schleiermacher iniciou a Teologia Liberal Protestante – um movimento que cresceu durante o século XIX e que existe ainda hoje. A partir de Schleiermacher, a Teologia Liberal Protestante diminuiu o peso doutrinário da fé. Além disso, a Teologia Liberal Protestante pouco enfatiza o pecado, tendo uma visão otimista, embora pouco profunda, da natureza humana. Já quanto aos realistas, se interessavam menos pelos sentimentos do que os românticos. Em matéria de religião, eles queriam saber o efeito da doutrina na vida e na sociedade.

Por influência do Realismo, a maioria rejeitou a distinção de Schleiermacher entre religião e moralidade. Depois de 1850, um número crescente de teólogos queria uma teologia reduzida, mas uma teologia voltada para questões éticas. Por esta razão, esses teólogos rejeitaram o sistema que herdaram de Schleiermacher.

Schleiermacher havia lançado a Teologia Liberal Protestante, e sua influência continua, até hoje, especialmente em questões metodológicas. Mas a Teologia Liberal Protestante não recebeu sua expressão plena de Schleiermacher. Esta honra ficou para o professor Albrecht Ritschl, da Universidade de Göttingen. Lutero tirou a metafísica das reflexões tão lógicas, e a ortodoxia a trouxe de volta com Melancton e Ritschl a retirou em suas formulações teológicas liberais. A Teologia Moderna é marcada pelo revisionismo. Revisionismo foi um movimento teológico moderno que tinha como objetivo a busca do Cristo histórico, por isso pretendiam fazer uma biografia corrigida de Cristo. Ritschl é o primeiro dos revisionistas.

Ritschl (1822-1889) era um pesquisador incansável. Ele dominou três áreas de estudo: Novo Testamento, História do Cristianismo e Dogmática. Entre 1870 e 1874, Ritschl publicou, em três volumes, sua obra-prima: *Die Christliche Lehre von der Rechtfertigung und Versöhnung* (A Doutrina Cristã da Justificação e Reconciliação). Os três volumes desta obra tratam dos pontos de vista: (1) do Novo Testamento; (2) da História do Cristianismo; (3) da Teologia Sistemática. O autor apresenta uma reinterpretação moralizante da fé cristã em termos especialmente atraentes para os protestantes alemães.

Ritschl apresentou-se como um estudioso do Novo Testamento e de Lutero, com uma interpretação liberal da fé cristã. Isto quer dizer: ele enfrentou os ortodoxos com suas próprias armas. Ritschl argumentou que os ortodoxos dos seus dias erraram por

confundirem a doutrina cristã com a metafísica. Por sua parte, Ritschl insistiu em rejeitar a metafísica, eliminando-a da teologia. Agostinho fez teologia de uma base platônica, e Tomás de Aquino argumentou de pressuposições aristotélicas. Lutero – o herói das mais diversas teologias alemãs – desvinculou a teologia da metafísica. Para Ritschl, a ortodoxia protestante restaurou a metafísica à teologia. Compete a Ritschl reformular a teologia sem metafísica. Dessa maneira Ritschl se apresenta como o campeão do verdadeiro luteranismo.

Os escritos de Ritschl contra a metafísica eram, na realidade, contra a ortodoxia protestante. Os escritos de Ritschl também continham numerosos ataques contra o misticismo. Aqui, outra vez, seus argumentos antimísticos foram, na realidade, ataques contra o pietismo, uma outra ala do protestantismo alemão. Ritschl rejeitou tanto a ortodoxia como o pietismo. Como ele acusou os ortodoxos de confundirem a metafísica com o cristianismo, também rejeitou o pietismo como uma infiltração do misticismo no pensamento cristão.

Das reinterpretações de Ritschl, a mais importante é sua leitura da obra redentora de Cristo. Ritschl apresentou uma nova teoria de expiação – a teoria da influência moral. Teólogos do século dezenove como Albrecht Ritschl (1822-1889) e Ernst Troeltsch (1865-1923) procuravam encontrar o espaço da teologia no mundo pós-Kantiano. Mas talvez tenha sido o teólogo suíço Karl Barth (1886-1968) quem melhor resultados alcançou nessa direção. Barth, insatisfeito com as soluções propostas pelos teólogos do século dezenove, e inspirado por críticos como Soren Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Wilhelm Herrmann (1872-1922) e Albert Schweitzer (1875-1965), deu início no entre-guerras a um movimento teológico que buscava alcançar aquilo que a teologia oitocentista não havia conseguido: uma teologia não iluminista e pós-Kantiana que não se evaporasse à medida que fosse produzida, que não fosse redutível a nada além da teologia cristã propriamente e da revelação de Deus em Jesus Cristo. Na "teologia da crise" de Barth (do grego *krinein*, julgar), não é a infinita bondade de Deus que é salientada, como na teologia deísta, mas o juízo divino sobre tudo que se revela humano, sobretudo humano, inclusive a religião.

A teologia moderna foi construída com base em Kant e Hegel. A teologia liberal foi constituída nos pressupostos iluministas racionalistas. A forma da teologia liberal encontra-se no idealismo gnóstico de Kant. A teologia contemporânea tem bases em Soren Kierkegaard, Heidegger, Nietzsche e Marx. Dentro da teologia contemporânea destacam-se: Karl Barth, Bruner, Paul Tillich, Bultmann, Oscar Culmann, Bonhoeffer. Estes entre os protestantes. Entre os ortodoxos: Bulgakov, Florovsky e Lossky. Entre os católicos: Teilhard de Chardin, Guardini, Lonergan, Schillebeeckx, Von Balthasar e outros.

SOLIPSISMO

Doutrina segundo a qual a única realidade no mundo é o eu; "o equivalente concreto do que os filósofos chama de solipsismo, isto é, da atitude que consiste em sustentar que o eu individual de que se tem consciência, com as suas modificações subjetivas, é que forma toda a realidade".

O latim por detrás desse termo português é solus, "sozinho" e ipse, "o próprio eu". A idéia é que a pessoa ou mente individual, até onde ela está envolvida, ou até onde a pessoa pode provar, é a única que existe, todas as demais pessoas e coisas podem ser um produto de sua própria mente, conforme se verifica durante os sonhos. O solipsismo epistemológico refere-se ao "dilema do conhecimento do próprio eu". Até onde posso determinar, tenho bases para crer que somente eu existo. Ou seja, até onde vai o meu conhecimento, só eu existo. É possível que outras pessoas existam, mas não posso afirmá-lo com certeza absoluta. Porém, temos aí um pseudodilema. Por sua vez, o solipsismo metafísico redundava do dilema do conhecimento: uma pessoa qualquer pensa que é a única entidade em existência. Alguns filósofos usam o solipsismo metafísico para anular o solipsismo epistemológico. Utilizam-se de um argumento do reduction ad absurdum. Acreditar que só eu existo é tão absurdo que também é absurdo dizer que só posso ter conhecimento de minha própria existência.

TEODICÉIA

Esse termo vem do grego theos, deus, e dike, justiça. Em seu uso comum, esse vocábulo usualmente designa aquela atividade que busca justificar as maneiras de Deus como os homens. Como pode haver um Deus justo, Todo-poderoso onisciente ao mesmo tempo em que há tantos males no mundo? Aqueles que procuram explicar o problema do mal, preservando assim a idéia de um Deus ortodoxo, expõem Teodicéias. Foi Leibnitz quem cunhou esse termo, introduzindo-o na filosofia. Sua Teodicéia fazia parte do seu sistema de mônadas, onde Deus, a grande mônada, aparece como o programador das demais mônadas. A Teodicéia de Leibnitz era determinista, no sentido em que vivemos no melhor de todos os mundos possíveis, e onde Deus não incorre em equívocos, a despeito de aparentes erros que nos cercam, no mundo em que vivemos; salpicado de males naturalmente, Leibnitz teve fazer toda espécie de ginástica para defender sua tese.

A Teodicéia de Leibnitz foi estruturada para seu sistema teológico extremamente racionalista, sendo assim, não somente há razões pelas quais Deus faz tudo quanto faz, como também tais razões são leis necessárias. Essas razões podem ser discernidas pela luz da razão pura, sem ajuda da revelação. Além disso para Leibnitz, Deus é o único ser metafisicamente necessário. O mal metafísico é a finitude ou a falta de existência, e o bem metafísico é a plenitude da existência. A bondade moral de Deus consiste, portanto, em desejar o melhor, metafisicamente falando. Se for possível demonstrar que Deus desejou algo inferior ao mundo melhor, metafisicamente falando. Se for possível demonstrar que Deus desejou algo inferior ao mundo melhor, metafisicamente falando, será demonstrado que Deus não é um Deus bom. Se possível for demonstrar que Deus desejou aquilo que é metafisicamente melhor, Ele será moralmente digno de louvor, a despeito da presença do mal no mundo.

Portanto o sistema de Leibnitz diz que Deus opera com base na razão suficiente, isto é, Deus não fará coisa alguma sem uma razão suficiente e discernível pela razão pura. O sistema de Leibnitz exige que haja o melhor mundo possível. Visto que Deus é totalmente bom, Ele já concretizou o melhor de todos os mundos possíveis. Outras Teodicéias bem conhecidas baseiam-se numa teologia racionalista modificada. Essa metafísica subjaz a defesa do livre-arbítrio e também a Teodicéia da edificação das almas, que há quatro

considerações básicas: Universo Racionalista modificado, Deus não é obrigado a criar mundo algum, porque sua própria existência é o sumo bem; criar um mundo é uma coisa condigna a ser feita por Deus; há um número infinito de mundo contingentes finitos possíveis. Os que são maus, são pela sua própria natureza e Deus não poderia ter criado, não existe nenhum mundo melhor; e Deus é livre quanto a criar ou não criar.

Portanto, a Teodicéia tem um grande valor apologético, que muitas delas respondem aos problemas do mal que são enfrentados pelas teologias para as quais são construídas.

TEOLOGIA DA CRUZ

Por mais que divirjam as opiniões a respeito da chamada Teologia dialética, por mais que a considerem carente de contemplação e correção, por mais que alguém decididamente se distancie da mesma, em todo caso será preciso admitir que de modo geral é ela que dita à teologia de hoje o seu enfoque.

Não houve teólogo na igreja cristã que tenha feito ressuscitar como Lutero, as idéias de Paulo. Foi Lutero quem, em Heidelberg, na primavera de 1518, contrapôs expressamente seus "paradoxos" teológicos como "Teologia da Cruz", à "Teologia da Glória", isto é, à Teologia eclesial dominante. Evidentemente ele se serviu dessa formulação porque nela encontrou a caracterização mais sucinta e certa da peculiaridade do evangelho, a contrastar com a Teologia oficial. É herança de Paulo que Lutero levanta com sua teologia da cruz contra uma igreja que se tornou segura e saciada. São raras as definições claras do que seria propriamente "teologia da cruz". Geralmente essa formulação aparece como algo que dispensa maior discussão, mas, ao que parece, as ocasionais manifestações tacitamente pressupõem, na maioria dos casos, que a "teologia de cruz" representa o estágio pré-reformatório da teologia de Lutero.

Em contrapartida defendemos a seguinte tese: a teologia da cruz é o princípio de toda a teologia de Lutero; ela não pode ser limitada a um período particular de sua teologia. Pelo contrário, como também no caso de Paulo, essa fórmula apresenta uma característica de todo o seu pensar teológico. Ouvimos que, para a teologia da cruz, é na cruz de Cristo e do cristão que se mostra o sentido mais profundo da ação de Deus junto ao mundo. A teologia da cruz é cristocêntrica. Para o cristão, Cristo é tudo, ele é o eixo central da reflexão teológica. A doutrina da cruz que determinou decisivamente o conceito de Deus e de Fé, só é compreendida numa vida sob a cruz, a cruz de Cristo e a cruz do cristão formam uma unidade. O sentido da cruz não se revela ao pensar contemplativo, mas apenas à experiência sofredora. O teólogo da cruz não está posicionado como espectador em relação à cruz de Cristo, mas ele próprio é envolvido neste acontecimento. Ele sabe que só Deus pode ser encontrado na cruz e no sofrimento. Por isso não foge do sofrimento, a exemplo do teólogo da glória, mas considera-o como as sagradas relíquias que devem ser abraçada devotadamente – pois o próprio Deus "está oculto nos sofrimentos" e quer ser venerado por nós como tal.

Na cruz se frustra toda concepção fictícia de Deus. "A cruz põe tudo à prova". A cruz é o juízo sobre todas as idéias e obras humanas de escolha própria. Face à situação real do ser humano, ela representa a inversão radical de todas as suposições humanas. O que é tolo, é

sábio; o que é fraco, forte; o que é vergonha, é glória; o que parece odioso ao ser humano, é desejável e digno de amor e em altíssimo grau.

Denominamos a teologia da cruz como a marca de toda a teologia de Lutero. Podemos constatar a marca da teologia na cristologia ou na doutrina da santa ceia. A teologia de Lutero, de fato, é apenas um mergulhão da árvore da mística medieval e de teologia monástica, ainda assim valeria a pena retracá-la como um todo orgânico. O resultado deste estudo é para nós uma prova indireta de que a teologia da cruz não constitui o pré-estágio pré-reformatório da teologia de Lutero propriamente dita, mas que deve ser considerada, antes, como marca de todo o pensamento teológico de Lutero.

TEOLOGIA DA ESPERANÇA

O fundador desse tipo de teologia foi o alemão Jurgen Moltmann, que traçou suas linhas programáticas em seu famoso livro *Theologie Der Hoffring* (Teologia da Esperança). Ultimamente, o padre Schillebierckx tornou-se um zeloso seguidor da Teologia da Esperança, uma nova interpretação da mensagem Cristã, que adota como princípio hermenêutico exatamente a esperança.

O Escopo desta Teologia é expor que as implicações práticas da fé inflamada na chama da Ressurreição de Jesus, quer o novo e conseqüente êxodo da sociedade atual das grandes estreitas das estruturas vigentes. Este sentido teológico foge ao inconveniente de considerar a mensagem da Ressurreição como mero e inconsistente relato histórico ou como simples apelo a decisão, e nos leva a entender a Ressurreição como mensagem promissora que se abre para a história e nos obriga a nos empenharmos por nos transformar a nós próprios e ao mundo. A liberdade, outorgada e vivida a partir de Cristo, e a mensagem do Reino de Deus não significam apenas liberdade e santidade interiores. Expressam sempre e por igual o "Shalon" dirigido a todo homem em suas relações sociais, a paz na Terra e a libertação de tudo o que é efêmero. Deus não é "totalmente diverso" de nós (Ganz Andere).

TEOLOGIA DA EVOLUÇÃO

Pierre Teilhard de Chardin nasceu em Sarcenar, França, em 1º de maio de 1881. Filho de um aristocrata rural interessado pela geologia, dedicou-se desde a juventude ao estudo dessa matéria, que não interrompeu nem mesmo quando suas inquietações espirituais o levaram a ingressar na Companhia de Jesus, em 1899. Nos últimos anos, nenhum autor suscitou tanto interesse quanto Pierre Teilhard de Chardin. Suas obras conheceram um sucesso editorial sem precedentes em seu gênero: Chardin iniciou sua atividade científica no início do século, quando o mundo da ciência era decididamente adverso ao mundo da fé e da religião.

Segundo Chardin é preciso fazer ver aos cientistas que não há nenhuma incompatibilidade entre a religião cristã moderna e a ciência moderna, mas sim uma maravilhosa correspondência, porque o cristianismo vem de encontro às mais íntimas exigências da

ciência. *Lé phenomène humain* foi a obra em que Chardin procurou realizar tal programa. A obra termina com a seguinte afirmação do valor superior do cristianismo: "De qualquer forma, a Evolução infunde sangue novo às perspectivas e aspirações cristãs. Mas a fé cristã, por seu turno, não é destinada e não se apresta a salvar até mesmo a mudar a evolução?... No presente momento, o cristianismo representa a única corrente de pensamento suficientemente audaz e progressiva para abraçar prática e eficazmente o mundo, em um abraço completo e indefinidamente perfectível, no qual a fé e a esperança se consumam na caridade. Somente ele – absolutamente só ele sobre a Terra moderna – se mostra capaz de sintetizar em um só ato vital o todo e a pessoa. Somente o cristianismo pode-se inclinar, não apenas servir, mas também a amar o formidável movimento que nos arrasta. Isso não significa outra coisa senão que ele satisfaz a todas as condições que nós temos o direito de exigir de uma religião do futuro e que, portanto, é através dele que passa enfim, verdadeiramente, o eixo principal de evolução". A intenção declarada de Chardin, em toda a sua obra, é elaborar uma visão cósmica que abarque em um só olhar tanto o mundo da ciência quanto o da fé. Examinemos este axioma. O axioma número um refere-se à evolução. Esta, segundo Chardin, não é uma hipótese, mas sim uma verdade certíssima: "Para muitos, a evolução outra coisa não é que o transformismo; e o transformismo, por sua vez, outra coisa não é que a velha hipótese Darwinista, tão local e caduca quanto a concepção laplaciana do sistema solar. São verdadeiramente cegos aqueles que não se dão conta da amplitude de um movimento cuja órbita, ultrapassando infinitamente as ciências naturais, ganhou e invadiu sucessivamente a química, a física, a sociologia e até mesmo as matemáticas e história das religiões. Um após outro, todos os domínios do conhecimento humano se movimentam, arrastados por uma única corrente de fundo, em direção ao estudo de algum desenvolvimento. A evolução – uma teoria, um sistema, uma hipótese?... Exatamente: mas, muito mais que tudo isso, uma condição geral à qual devem se dobrar e satisfazer, para ser pensáveis e verdadeiras, todas as teorias, todas as hipóteses, todos os sistemas. Uma luz que aclara todos os fatos, uma curva que todas as linha devem seguir: eis o que é a evolução:

Segundo Chardin, a evolução é a maior descoberta do século passado e de todos os tempos, na medida em que nos coloca em condições de entender a história, seja a passada, seja a futura. Ao juízo de Chardin a evolução não está absolutamente em conflito com o cristianismo; ao contrário, é um argumento muito forte a seu favor, porque a evolução deve passar através do cristianismo.

Os estudos científicos conduziram Teilhard de Chardin a uma profunda meditação sobre o problema da evolução, origem de sua obra mais importante, *Lé Phénomène Humain* (O fenômeno humano), concluída em 1940, mas só publicada postumamente, em 1955. Em seu pensamento, a evolução evidente do universo material, que parece esmagar o homem e sua consciência, visa, na realidade, a realizar a passagem da matéria ao espírito, do menos consciente ao mais consciente. O homem é o centro e a razão dessa evolução: sua alma o liga a esse universo, que ela domina, a seus semelhantes e a seu fim último, que é Deus. Ciência e religião, longe de se contradizerem, conduzem ambas à perfeição intelectual. As implicações morais e religiosas desse sistema foram desenvolvidas numa série de obras como *Le Milieu divin* (1958; O meio divino) e *L'Avenir de L'homme* (1959; O futuro do homem).

Teilhard de Chardin regressou à França em 1946, mas ante a impossibilidade de publicar seus textos – que circularam em exemplares mimeografados e só foram editados após sua morte – transferiu-se para os Estados Unidos. Ingressou então na Fundação Wenner-Gren, de Nova York, que patrocinou, nos últimos anos de sua vida, duas expedições científicas ao continente africano. Teilhard de Chardin morreu em Nova York, em 10 de abril de 1955.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A experiência cotidiana das comunidades cristãs latino-americanas que combatem as injustiças econômicas, sociais, culturais e políticas, está na origem da chamada teologia da libertação.

A teologia da libertação constitui uma nova interpretação da mensagem evangélica, à luz da injustiça social. Apesar do nome, não é propriamente uma teologia, no sentido de política, surgido na Europa na década de 1970, depois que o Concílio Vaticano II (1962-1965), examinou o problema das relações entre a igreja e o mundo moderno. A característica mais inovadora do movimento foi encarar os problemas políticos como base para a interpretação dos textos bíblicos.

Reunida na cidade colombiana de Medellín, em 1968, a Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam) foi o grande impulso da teologia da libertação. Analisando a situação social do continente, os bispos consideraram que a igreja tinha como missão continuar a obra de Cristo, enviado ao mundo para "libertar todos os homens de todo tipo de escravidão a que os tenha sujeitado o pecado, a ignorância, a fome, a miséria, a opressão e, numa palavra, a injustiça e o ódio, que têm sua origem no egoísmo humano". A conferência pediu uma teologia e uma catequese que oferecessem "a possibilidade de uma libertação plena e a riqueza de uma salvação integral em Cristo, o Senhor". Entre os principais teólogos que a iniciaram e desenvolveram, citem-se Gustavo Gutiérrez, Hugo Assmann, Leonardo Boff, J. L. Segundo, Porfirio Miranda, José M. Bonino, J. B. Libânio, Segundo Galiléia, Eduardo Pironio e A. López Trujillo.

O eixo da teologia da libertação é a figura do Cristo libertador, que veio libertar os homens não apenas do pecado, mas também de todas as suas conseqüências, inclusive as injustiças. Seu método hermenêutico deixa de lado as categorias idealistas tradicionais e emprega categorias históricas. A mensagem de salvação é interpretada à luz das opressões de que o homem precisa ser libertado. Ao narrar a libertação dos hebreus do cativeiro no Egito e sua marcha para a Terra Prometida, o Êxodo é a imagem bíblica da mensagem da salvação, e a história sagrada não é algo distinto da história da humanidade ou superposto a ela, mas sim a intervenção de Deus. Um outro elemento importante da teologia da libertação é o método de análise marxista.

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Algumas obras norte-americanas, escritas contra a teologia da prosperidade, tratam-na como se fosse uma heresia ou uma seita. A posição, é, ela não é uma seita. Uma seita é composta por um grupo bem definido de pessoas, assim como os Testemunhas de Jeová

ou os Mormons, que se chamam cristãos, mas negam doutrinas básicas da Bíblia, tais como a trindade e a divindade de Cristo. Na teologia da prosperidade, seus adeptos não negam nenhuma doutrina básica nem buscam outro fundamento que não seja Cristo e os apóstolos. Antes, trata-se de uma forma de compreender a Bíblia.

A Teologia da Prosperidade é algo novo na história da igreja. Parece que nada assim já foi visto antes. Mas isso não quer dizer que ele tenha surgido de modo repentino ou aparecido totalmente formado. Como todo movimento, desenvolveu-se com o tempo, e isso significa que tem raízes ligadas a pessoas, épocas e lugares diversos.

Pesquisas feitas nos Estados Unidos sobre a teologia revelam que existem duas raízes históricas e filosóficas da teologia da prosperidade: O pentecostalismo (Barron, 1987; Horn, 1989) e várias seitas metafísicas do início do século XX, que floresceram na região de Boston (McConnell, 1988). Dessas duas fontes, o pentecostalismo fornece a base ou o grupo, onde a teologia encontrou a maior parte de seus adeptos, enquanto os pressupostos filosóficos propriamente ditos foram fornecidos pelas seitas metafísicas.

Sua doutrina é radical com relação ao homem físico e espiritual. Tendo em vista a Autoridade profética, como decretar a morte de alguém (até mesmo a de um pastor) Segundo Kenneth Hagin. Saúde e Prosperidade são algo vivido dentro da teologia; a teologia da prosperidade não se cansa de repetir que nem doenças nem problemas financeiros são da vontade de Deus, o cristão que está passando tal coisa ou coisas, ele não tem fé ou está em pecado. A Confissão Positiva é outra corrente da doutrina da teologia da prosperidade, ela garante a realização com fé dos pedidos desejados pelo cristão, mesmo passando por cima da vontade divina, afirma que sempre positivamente, nunca: "Se Deus quiser!" Isso envolvendo saúde ou bem material.

TEOLOGIA DAS RELIGIÕES

É a globalização das religiões com o intuito da integração dos seus conteúdos comuns. Podíamos nos referir a "teologias", mas daria um sentido de independência. Quando no referimos à "teologia das religiões" queremos destacar um conjunto, um todo, ou seja, um ponto em comum. Dentre estes conteúdos comuns podemos citar a revelação do logos, bem como a interação de Cristo com os diversos credos; também se destacam os conteúdos de caráter ético e moral, família e mandamentos de Deus.

De forma superficial parece que as religiões são muito diferentes umas das outras. Porém, se removermos as distinções da língua, condições de clima, costumes (ética) e muitos outros fatores, é surpreendente notar a similaridade entre todas. Nas religiões Crê-se em uma vida pós-morte, numa alma humana imortal, no tormento eterno para os maus e uma recompensa celestial para os bons, um Deus trino ou uma divindade superior, um redentor, um livro sagrado, etc.

No hinduísmo muitos se referem a sua fé como sanatana darma, quer dizer, lei ou ordem eternas. No que diz respeito à moral ou quebra de valores encontramos o seguinte texto: "Quando as leis da família são destruídas, Janardana, então o que certamente para os homens resulta é morar no inferno".

No siquismo um dos grandes mandamentos do guru Nanaque era: "Lembre-se sempre de Deus, repita Seu nome".

No budismo acredita-se em um inferno onde estão os ímpios, um lugar de fogo atormentado por demônios horrendos.

No islamismo o árabe é a língua obrigatória para se ler o Qur'na (Alcorão), o livro sagrado dos muçulmanos. Eles acreditam que o árabe é a língua usada por Deus falar por meio de Gabriel, melhor dizendo "o árabe é a forma mais pura de revelação".

4. Enfim, são inúmeros os exemplos no que se refere ao estudo dos conteúdos comuns entre as religiões. "Mas, surge um grande problema no que diz respeito à estruturação do diálogo do cristianismo para com as demais religiões; o Cristo deve relacionar-se neste diálogo só como a palavra "sem reivindicar a autoridade do ".

TEOLOGIA DE PROCESSO

Movimento teológico do séc. XX que se originou, em grande parte, do pensamento de Alfred North Whitehead, que considerava a realidade como tendo uma natureza progressiva ou evolutiva. Ademais, Deus está tão intimamente ligado com o restante da realidade que Ele também é visto como estando crescendo e se desenvolvendo.

A teologia do processo adotou a metafísica elaborada pelos filósofos do processo para obter os recursos mais adequados para expressar aquilo que a Bíblia entende por Deus e por mundo dentro da moderna estrutura da cosmovisão evolutiva. O Deus da metafísica do processo e o Deus da revelação bíblica são, supostamente, o mesmo Deus.

Propõe a Teologia de Processo que um Deus criou a partir do nada seja autocrático, "imperial" e conceitualmente impossível. Esse tipo de Deus não consegue casar com a idéia de um Deus que interage na História e mantém uma relação de amor e ajuda às criaturas. Deus cria junto com o resto do mundo. Segundo pensam, Ele é o Pai da criatividade. O mundo para eles está em mudança e Deus também está nesse processo.

A grande contribuição da teologia de processo é a doutrina do relacionamento de Deus com o mundo. Um Deus que não pode agir ou ter interação com o mundo teria uma personalidade menos do que significativa. A oração e o serviço possuem pouco significado a não ser que haja um relacionamento real e pessoal entre Deus e os homens. Não há apelo existencial num Ser impessoal com quem não se pode ter relacionamento. A teologia de processo seguiu duas direções principais desde Whitehead: a empírica e a racional. A primeira destas ênfase é achada em Bernar Loomer, Bernard Meland, e Henry Weiman; o campeão da segunda delas Charles Hartshorne é talvez o mais relevante dos teólogos de processo desde Whitehead, dentro da corrente racional, seguido por John Cobb e Schubert Ogden.

TEOLOGIA EVANGÉLICA

Teologia representa um dos empreendimentos humanos costumeiramente qualificados de "científicos", que tem por finalidade perceber um objeto (respectivamente uma área

definida) como fenômeno, compreendê-lo em seu sentido e interpretá-lo quanto ao alcance de sua existência – e isso, dentro do caminho indicado pelo próprio objeto em questão. O termo "teologia" parece indicar que em seu âmbito, por ser ciência específica (e muito específica), se trate de perceber, de compreender e de interpretar a "Deus".

Mas ao termo "Deus" poderão ser atribuídos os mais variados sentidos, de forma que necessariamente também deverá haver uma multiplicidade de teologias. Mas, há uma coisa comum entre as mais variadas teologias, e este fato lança uma luz bastante reveladora sobre os deuses em questão: é que cada uma delas se considera e se proclama a se mesma sendo a única correta ou ao menos como sendo a melhor, por ser a mais correta de todas. A melhor teologia, a única teologia correta do Deus sublime, único, verdadeiro e real é aquela que procura comprovar a se mesma pela "demonstração do espírito e do poder".

A teologia à qual queremos introduzir é a teologia evangélica. O adjetivo aponta para o novo testamento e simultaneamente para a Reforma do séc. XVI. A teologia da qual trataremos é a que, a partir de suas origens absconditas, latentes nos documentos das história de Israel, veio à luz, de forma clara e inequívoca, nos escritos dos evangelistas, dos apóstolos e profetas do novo testamento, para ser redescoberta e revivida na Reforma do séc. XVI.

Não queremos o termo evangélico de forma confessionalista - já que evidentemente aponta para a Bíblia – que de alguma maneira está sendo respeitada em todas as confissões. Teologia, por ser "protestante", ainda não é necessariamente evangélica. E existe teologia evangélica no catolicismo romano e oriental-ortodoxo, como também existe na área das inúmeras variações e mesmo das formas degeneradas, posteriores aos evento reformatório. Teologia evangélica é aquela que intenciona perceber, compreender e tornar manifesto o Deus do evangelho – quer dizer, o Deus que se manifesta no evangelho, que por si mesmo fala aos homens, que age dentro deles e entre eles da maneira por Ele mesmo indicada. Onde se realizar o evento deste Deus se tornar objeto da ciência do homem e como tal, origem e norma da mesma – é aí que existe teologia evangélica.

A teologia evangélica raciocina com base em três premissas secundárias, que são: dialética insolúvel do evento da existência humana, existência que vê confrontada com a auto-revelação de Deus no evangelho; a fé de pessoas humanas que receberam o Dom e a vontade de reconhecerem e de confessarem a auto-revelação de Deus como tendo acontecido a favor deles; e na razão, isto é, na capacidade de percepção, de conceituação e de expressão de todos os homens, inclusive os crentes, fato este que os capacita tecnicamente a participarem, de forma ativa, do esforço teológico-cognitivo, realizado no confronto com Deus que se auto-revela no evangelho.

Teologia não ignora que o Deus do evangelho se acha voltado para a existência humana. A prioridade absoluta da teologia evangélica é Deus mesmo. Teologia evangélica sabe esperar, para verificar como a existência, a fé e a capacidade intelectual do homem, como seu ser e sua auto-compreensão, em confronto com o Deus do evangelho, superior a existência humana, venha revelar-se. Ela em toda a sua modéstia é ciência livre, isto é, é

ciência que deixa seu assunto agir livremente, de forma que vai sendo liberada continuamente por seu próprio objeto.

O assunto da teologia evangélica é Deus – Deus, na história de suas ações. Nela é que Ele se manifesta a si mesmo. Mas nesta história Ele também é o que é. Nela Ele tem e prova tanto sua existência como sua essência.

O Deus do evangelho não é nenhum Deus solitário, que bastasse a si mesmo e que fosse recluso em si mesmo: não é nenhum Deus absoluto, isto é, não é um Deus desvinculado de tudo que não seja Ele mesmo. O Deus do evangelho se compadece. Como em si mesmo é o Uno, na unidade de sua vida como Pai, Filho e Espírito Santo – assim, em relação a realidade – dele distinta – Ele é livre, de jure e de facto, de ser Deus – não ao lado do homem, mas igualmente não só acima do homem, mas sim, junto a ele, e, antes de tudo, a favor dele: não só como seu senhor, mas também como seu pai, seu irmão, seu amigo, seu Deus, isto é, o Deus do homem; e isto não em detrimento ou em abandono do seu ser divino, mas antes em confirmação do mesmo.

Portanto, o Deus do evangelho é o Deus que se relaciona com o homem, que tem uma palavra amiga, por ser palavra de graça.

Teologia evangélica, através do seu labor, responde ao gracioso sim de Deus, a sua auto-revelação benigna e amiga ao homem. A teologia evangélica lida com o Deus do homem, mas precisamente lida com o homem, como sendo o homem de Deus.

TEOSOFIA

No grego: theós + sóphos, (sabedoria de deus) ; inglês – theosophy; francês – théosophic; alemão – theosophic. O termo já era usado pelos neoplatônicos para indicar o conhecimento das coisas divinas derivadas de uma direta inspiração de Deus.

Comunicação com Deus. Conhecimento de Deus. Ciências divinas. O termo emprega-se também para um sistema filosófico, baseado no conhecimento interiormente revelado e místico, de Deus e das leis do universo. Os primeiros vestígios da teosofia encontram-se nos UPANISSHADS SÂNSCRITOS, sendo, em certo sentido, a filosofia hindu teosófica. Esta especulação mística espalhou-se também para a Pércia e foi recebida pelos árabes depois da sua conquista do Irã. Em diversas épocas apareceram homens a imortalidade da alma e a existência de um vasto cosmos, movidos por forças ocultas. Mostravam a instabilidade da existência material, a realidade de um mundo oculto que de todas as partes nos cerca. Nos tempos modernos, o nome de teosofia foi dado a uma forma de crença, defendida por Madame Blavatsky, escritora russa. A doutrina fundamental da teosofia é que o homem tende a voltar à ordem divina de onde saiu; para conseguir isto precisa livrar-se gradativamente dos grilhões da matéria, através do conhecimento e do domínio da ordem natural, assim como de uma intuição ou iluminação que o leva a conhecer a divindade. Prega a fraternidade dos homens e tolerância de todas as crenças religiosas. É panteísta e nega um Deus pessoal e imortalidade da pessoa humana.

TOMISMO

A escola de filosofia e teologia que segue o pensamento de Tomás de Aquino. Desenvolveu-se em várias fases e passou por períodos de apoio e descuido. A doutrina do tomismo entra nas relações entre razão e a fé que consiste em confiar à razão o dever de demonstrar o preângulo da fé, de esclarecer e defender os dogmas indemonstráveis e de proceder de modo relativamente autônomo no domínio da física e da metafísica. É doutrina do caráter abstrativo do conhecimento, a qual consiste ser absolutamente em abstrair do objeto. Doutrina da analogicidade do ser que consiste em julgar que o termo ser referido à criatura tem um significado não identífico, mas só aparecido ou correspondente ao ser de Deus.

O tomismo foi atacado por causa de alegados erros, em um julgamento em Paris, França em 1876. Porém sobreviveu facilmente a isso, e cresceu em influência, nos séculos XVI, XV. A época mais fluente do tomismo começou nos meados do século XIX. Em uma encíclica de 1879, Para Leão XIII pediu que o catolicismo romano voltasse à filosofia tomista tradicional, virtualmente oficializando o tomismo como a maneira como os católicos romanos devera filosofar acerca de sua fé cristã.

BIBLIOGRAFIA

- 01 – BARTH, Karl. Introdução à Teologia Evangélica. Lindolfo Weingartner (trad), Sindoval. São Leopoldo, RS, 1981.
- 02 – BERKHOF, Louis. Princípio de Interpretação Bíblica. Merval Rosa (trad), 5. Ed. JUERP, Rio de Janeiro, 1994.
- 03 – BLEICHER, Josef. Hermenêutica Contemporânea. O Saber da Filosofia. Edições 70. 1980.
- 04 – BOFF, Leonardo. Igreja, Carisma e Poder. 3. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. P. 249, 19__.
- 05 – BOTTENSON, H. Documentos da Igreja Cristã. Alfredo Simon (trad), 2. Ed. Rio de Janeiro, JUERP, São Paulo. Aste. 1983.
- 06 – BRAATEW, Larl B. & JENSON, Robert W. Dogmática Cristã. Vol. 1. São Leopoldo, RJ. Editora Sinodal, 1987.
- 07 – BRITO, Raimundo de Souza. Realismo, Idealismo e Filosofia da Vida. Tese de Concurso para provimento efetivo da cadeira de Filosofia do Colégio Estadual da Bahia, 1946.
- 08 – CHANPLIM, R.N., BENTES, J.M. Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 3. Ed. Candeia. São Paulo. 1995.
- 09 – CONN, Harnie. Teologia da Libertação. Mundo Cristão p. 171. São Paulo, 1984.
- 10 – COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Teologia, Ed. Saraiva, São Paulo, 1982.
- 11 – ELWEL, Walter A. Enciclopédia História – Teologia da Igreja Cristã. Gordon Chown (trad). São Paulo. Vida Nova. 1988.
- 12 – ERICSSON, Villard J. Conciso Dicionário de Teologia Cristã. 2. Ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1995.
- 13 – FIDES REFORMATATA. Vol. 1, Nº 2. Julho – Dezembro. Seminário Presbiteriano REV. José Manoel da Conceição.
- 14 – GUNORY, Stanley. Teologia Contemporânea. 2. Ed., São Paulo, Mundo Cristão, 1987.
- 15 – HOUAISS, Antônio; BARBOSA, Francisco de Assis (editores): Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda. Rio de Janeiro. São Paulo, 19__.
- 16 – LANDERS, John. Teologia Contemporânea. Rio de Janeiro, JUERP, 1941.

- 17 – LAROUSE, Webster. A Enciclopédia das Enciclopédias. Governo da Bahia Salvador – Ba, 1997.
- 18 – LOWENICH, Walther von. A Teologia Da Cruz De Lutero. Teologia Sistemática. Ed. Sinodal. RS, 1998 p. 183.
- 19 – MONDIM, Batista. As Grandes Teologias do Século Vinte. São Paulo, Paulinas, 1979, 288p.
- 20 – MURCH, James de Forrest. A Aventura Ecumênica. Vida Nova. São Paulo – SP. 1963.
- 21 – PIERATT, Alan B. O Evangelho Da Prosperidade. Vida Nova. 2. Ed. São Paulo, SP, 1995.
- 22 – REIS, Aníbal. Teologia da Libertação. Vol. 1 e 2. Ed. Caminho de Damasco. São Paulo, 1995.
- 23 – ROSA, Merval. Antropologia Filosófica: Uma perspectiva Cristã. JUERP. 1986.
- 24 – SCHLESINGER, Hugo. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Petrópolis. RJ. Vozes, 1995.
- 25 – SHEDD, Russel e Alan Pierralt. Imortalidade. Vida Nova 1992. 256p.